



JÁ NÃO SE ESCREVEM CARTAS DE AMOR

Do Autor:

Crónica dos Bons Malandros

Histórias do Fim da Rua

À Noite Logo se Vê

Fora de Mão

Os Novos Mistérios de Sintra (co-autor)

O Código D'Avintes (co-autor)

Eça Agora (co-autor)

Primeiro as Senhoras

Uma Noite Não São Dias

Dama de Espadas

Longe é Um Bom Lugar

Cafuné

O Diário Oculto de Nora Rute

Serpentina

Talismã

Romão e Juliana

Mário Zambujal

JÁ NÃO SE ESCREVEM CARTAS DE AMOR

Paixões turbulentas
na Lisboa dos anos 50

CLU
BE
AUT
OR

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

© 2008, Mário Zambujal
Direitos para esta edição:
© 2018, Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título: *Já não se escrevem cartas de amor*
Autor: Mário Zambujal
Revisão: Henrique Tavares e Castro
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Revival
Impressão: Caflesa – Soluções Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-427-8
Depósito legal: 439784/18
6.ª edição: Maio, 2018

www.clubedoautor.pt

I

17 HORAS E 35 MINUTOS

É já o lusco-fusco, não tarda aí virá a diligente Feliciano com a manta de lã para me aquecer as pernas. Ou a recomendação do costume:

— Padrinho Duarte, porque não vai para dentro ver um pouco de televisão? Faz frio, aqui.

Não sinto frio, sou um velho rijo. Nem preciso de televisão, distrai-me o filme que se me repete no cérebro, com gente, sítios, peripécias. Basta um sinal para voar no tempo.

Telefonou-me hoje o César de Mendonça — *de* Mendonça, ele é muito cioso da preposição — a convidar para o festivo almoço do seu aniversário. Setenta e oito. Setenta e oito anos conta já o maganão e pouco avanço me leva.

Imagino que a celebração redundará em assembleia de gerentes e não me apetece. Hei-de mandar-lhe uma dúzia de garrafas — seis de branco, seis de tinto — do vinho abençoado que estas terras geram. Prefiro assim. Se vou lá, quebra-se o fio de recordações em que os vejo rapazes, sem a erosão das décadas posteriores. Talvez em contra-senso, aprecio que eles

me visitem. Mas cada um por sua vez. Desse modo, são menos lembradas as definitivas ausências; a vida não passa de um entretanto.

Gozo os cair-de-tarde no alpendre da casa sobranceira ao vale. Daqui, recostado no cadeirão de bambu que foi do meu avô, alcanço um horizonte verde das árvores e castanho da terra.

(Ocorre-me: castanho e verde eram as cores da minha farda de *lusito* da Mocidade Portuguesa.)

A serenidade e o silêncio desafiam a memória. Não somente memórias deste lugar em que existiram os meus avós maternos e se tornou destino das familiares fugas da cidade. Também da cidade, suas esquinas e enredos. Lisboa da década de 50 era território de contrastes, parado e frenético. Conforme os assuntos e as pessoas.

Os meus anos 50 tiveram prólogo, a partir de Maio de 49. Por causa da Amália Rodrigues. Recém-chegada de sucessos retumbantes em Londres e Paris, ela cantava pela primeira vez no Grande Casino Internacional Monte Estoril, instalado no edifício que, anos mais tarde, passaria a ser o Hotel Miramar.

Seguimos de comboio, o Jorge Santana, o Sílvio Vasques e eu, embalados pela gentileza de um parente do Jorge que exercia ali funções de comando. Teve a boa ideia de nos ceder convites.

O salão do Grande Casino dividia-se entre os ricos e os absurdamente ricos, mas apresentámo-nos sem motivo para reparos: fatos escuros com colete, gravatas novas e lencinhos brancos a assomar do bolso superior do casaco, em triângulo, como velas de barco.

Concentrados na Amália, que cantou os grandes êxitos do seu repertório à época — como *Mouraria*, *Ciúme*, *Bendita a Hora* —, pouco nos detivemos a observar as famosas criaturas que cintilavam na assistência.

Quem nos apontou algumas das celebridades foi o César de Mendonça. Conheci-o nessa noite, apresentado pelo Jorge, de quem foi colega no liceu. Logo, logo, achei-o um tanto *snob*, no *smoking* feito por medida, camisa de folhos, botões de punho em prata, cabelo espalmado com *Brylcreem*. Demasiado requinte para uma sessão de fados. Todavia, mostrou-se simpático, ao ponto de nos conduzir para uma mesa onde se encontrava só um senhor calado e de charuto que não chegámos a saber quem era.

O resto da noite meteu baile e o Jorge ainda se atreveu a dançar com uma baronesa polaca — garantiu-nos ele, depois, que era polaca e baronesa — avançadota na idade.

O final da guerra, em 45, fizera brotar sobre escombros e lágrimas a euforia da sobrevivência. Tal como *os loucos anos 20* sucederam à mortandade de 14-18, nos meados do século a Europa vibrava em toda a sorte de prazeres. E novidades. Na música, no teatro e no cinema, nos livros, nos automóveis, nas modas do vestuário, a febre era de mudança.

Em Portugal, contrariando ingénuas expectativas, a Censura apertou, ainda mais, em todos os tipos de comunicação: da rádio e dos jornais aos espectáculos de revista, e nem a banda desenhada escaparia.

Respiravam-se, contudo, os anos de uma nova época, que mais não fosse na apresentação das mulheres, seduzidas pelo risco dos modernos costureiros. Sorte nossa. Meu pai era

proprietário de um estabelecimento de roupas femininas e o negócio prosperou.

— Duarte, repara naquela garota de azul — indicou o Sílvio, mas eu já tinha reparado.

Garota, mas não tanto. Seria, enfim, uma adolescente próxima da maturidade plena. Alta, esguia, loura, tinha um sorriso luminoso e dançava nos braços de um senhor calvo.

— Nem no cinema! E não podem ser namorados, menos ainda marido e mulher. O homem deve ter os seus quarenta e tal — comentei, como na esperança sem sentido de me estar reservada a sedutora aparição.

— Pode ser o pai, ela é tão novita — sugeriu o Sílvio.

— O pai? Moreno, baixinho, não vejo semelhanças de família.

Apercebendo-se do diálogo e do motivo, o César, que morava em Carcavelos e frequentava os Estoris, acudiu-nos com informação. Tratava-se de uma jovem austríaca que viera para Portugal ainda criança, em 41, e fora acolhida, com a mãe, em casa do doutor Terêncio Vilar Reis, jurista de fama e proveito. Precisamente o senhor baixote e moreno que dançava com ela.

Mal chegou a notícia do armistício, a mãe regressou à pequena cidade dos Alpes, Hallein, próximo de Salzburgo, para reencontrar o marido. Ele, que tratara de proteger a família da guerra, preferiu ficar na sua Áustria a ferro e fogo.

Esses pormenores, conheci-os mais tarde; naquela noite eu queria apenas ouvir o nome da moça. A sabedoria do César não chegava a tanto e tive pena. Gostaria de legendar com um nome a imagem inesquecível.

Regressámos a Lisboa no carro do César, um *Ford Prefect*, e concordámos em fechar a noite num botequim do Parque Mayer. Nem de propósito. O novo companheiro pelava-se por mulheres e nós também nos interessávamos vivamente pelo assunto. Encontrámos ali um grupo de coristas cuja primeira reacção foi comentar, entre risinhos, o deslocado *smoking* do César. Abancámos na mesa ao lado e a conversa alargou, com piadas e piropos.

Dessa vez não saí sem um nome: «Celeste», identificou-se a bonita que me ficou ao lado. Tinha corpo adequado ao ofício e olhos pretos. Não viesse eu tonto com a austríaca e teria tentado a sorte.

— Que idade tens? — perguntou, passando os dedos pelo meu cabelo encaracolado.

— Vou a caminho dos dezanove — disse. Na verdade, faltavam oito meses.

Riu-se.

— Tencionas voltar aqui?

— De certeza — afirmei, sem nenhuma convicção.

A animação foi cortada quando entrou o Carolino Pontes com cara de tragédia. Nem saudou de boa-noite, foi sentar-se longe e pediu um duplo em voz lamentosa. Comunicativo de sua natureza, estranhámos. Um ponto de interrogação desenhou-se no botequim. Alguma adversidade teria ocorrido para o Carolino chegar acabrunhado e sem vontade de dar à língua.

— Pode ser dor de corno — palpitou o César.

— Nunca se sabe. Ele joga a dinheiro grosso no bilhar e há dias em que as coisas correm mal — contrapôs o Jorge.

Não me convenciam. Mulheres e partidas de bilhar perdia ele desportivamente. Nada como perguntar:

— Carolino, pá, estás zangado com a vida?

Levantou a cabeça, olhou o grupo silencioso e disse:

— Com a vida, não. Com a morte. — E fechou-se.

Alguém pensou que teriam descoberto doença fatal no corpanzil do Carolino, mas era uma ideia esquisita. Ele ostentava aquele ar dos que vendem saúde. Falou, por fim:

— Então vocês não sabem? Mataram o Nando Sanquiú.

Um bom psicólogo teria matéria para estudar a reacção do grupo. Choque de surpresa, tanto maior pelo assassínio, mas duvidosa uma consternação profunda.

Com excepção do Carolino, seu companheiro de madrugadas, ninguém se perdia de afectos pelo Sanquiú, tipo implicativo e conflituoso. Mas era má notícia. Ainda na véspera o víramos, ao balcão do Lusitânia Bar, a refilar com o *barman*, mas vivo.

— Quem foi?

— Como foi?

— À mão. Um golpe com a mão, em cutelo. Apareceu morto à porta da Helga Palmito com uma pancada no pescoço. A Helga Palmito, vocês sabem, é o encosto de um senhor de posição. Deu-lhe o apartamento, fora o resto. Mas, uma noite por outra, o Nando Sanquiú lá ia, gozar-se da Helga e das comodidades. Gabava muito a garrafeira dela.

E agradeceria, talvez, com Sanquiú, nome que lhe puseram por ser o único som que soltava quando atendia estrangeiros numa *boîte*. Perguntei mas, honestamente, sem grande interesse:

— E o funeral é quando, Carolino?

— Ainda parece mentira que um homem de bem, cheio de saúde, tenha funeral marcado. É depois de amanhã.

Não me pareceu que o enterro do Nando Sanquiú levasse farto acompanhamento, mas intrigavam-me as circunstâncias da sua morte.

Nessa noite custou-me a adormecer. A causa da insónia nada tinha a ver com crimes de morte. Era a lourita do casino a dançar nos meus sonhos acordados.